

FUNDAMENTAÇÃO DA LINGUAGEM HUMANA: A PRIMAZIA DA AUDIÇÃO SOBRE A VISÃO SEGUNDO HERDER

*THE FOUNDATION OF HUMAN LANGUAGE: THE PRIMACY OF THE HEARING ON THE
VISION BY HERDER*

Renato Kirchner¹

Resumo

A experiência do pensar passa necessariamente por um determinado jogo de palavras. É neste jogo que se põe em jogo e em causa o pensamento de Johann Gottfried Herder. Cada vez que se põe em jogo o jogo de palavras de Herder, põe-se em jogo o seu pensamento como uma experiência originária do pensar. A linguagem não é senão o próprio homem. Ela revela o modo de ser próprio do homem e do próprio homem. A linguagem é o que é desde que e como o homem se compreende em seu mundo, a partir e como ele experimenta o limite de sua esfera como dinâmica de sua própria constituição. A linguagem é o modo de ser do próprio homem como homem. No Ensaio sobre a origem da linguagem, Herder busca compreender e fundamentar filosoficamente o modo da essencialização da linguagem, isto é, próprio do homem e do próprio homem. O principal opositor com o qual Herder se confronta é Johann Peter Süssmilch. Lançamo-nos aqui à tarefa de acompanhar e compreender o pensamento deste pensador.

Palavras-chave: Linguagem; Fala; Audição; Silêncio; Herder.

Abstract

The experience of thinking necessarily passes through a certain set of words. It is in this game that the game of Johann Gottfried Herder is brought into play. Each time Herder's play on words is put into play, his thinking is put into play as an original experience of thinking. Language is nothing but man himself. It reveals man's and man's own way of being. Language is what it is since and how man understands himself in his world, from and as he experiences the limit of his sphere as the dynamic of his own constitution. Language is man's way of being as a man. In the essay on the origin of language, Herder seeks to understand and philosophically substantiate the mode of the essentialization of language, that is, proper to man and to man himself. The main opponent with whom Herder confronts is Johann Peter Süssmilch. We are here to follow and understand the thinking of this thinker.

Keywords: Language; Speech; Hearing; Silence; Herder.

¹ Professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Brasil. Membro do corpo docente permanente da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR). Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, coordena o Programa de Mestrado Stricto Sensu em Ciências da Religião. E-mail: renatokirchner00@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-3105-1401>

INTRODUÇÃO

O pensamento dos pensadores passa necessariamente pela palavra. Para o pensador, a palavra nunca está pronta para ser usada. O pensador tenta aprender-lhe o vigor da experiência originária. Neste sentido, requer-se do pensador refazer e perfazer-se na e a partir da experiência originária da palavra. E isto somente acontece quando se percorre o itinerário da experiência originária *do pensar*, itinerário que nunca está pronto de antemão, mas por perfazer, por percorrer. O mesmo acontece quando nos propomos a acompanhar e compreender o pensamento de um pensador. É o que nos propomos realizar neste texto a seguir em relação às ponderações de Johann Gottfried Herder (1744-1803).

A experiência do pensar, segundo Herder, passa necessariamente por determinado jogo de palavras. É neste jogo que se põe em jogo e em causa o pensamento herderiano. Cada vez que se põe em jogo o jogo de palavras usadas por Herder, põe-se em jogo o seu pensamento como uma experiência originária do pensar. Com efeito, palavras como natureza (*Natur*), linguagem (*Sprache*), origem (*Ursprung*), ter (*haben*), homem (*Mensch*), animal (*Thier*), corda (*Seil*), sentimento/sensação (*Empfindung*), sentir/tato (*Gefühl*), pertencimento (*Gehören*), escutar (*hören*), visão (*Gesicht*), ver (*sehen*), fundamento (*Grund*), instante (*Augenblick*), soar (*lauten/tönen*), sonoridade (*Laut/Töne*), imagem (*Bild*), capacidade (*Fähigkeit*), esfera (*Sphäre*), mundo (*Welt*), teia (*Gewebe*), reflexão (*Besonnenheit*), estrutura de sentido (*Besinnung*), marcar/demarkar (*merken*), marca (*Merkmal*), palavra referente (*Merkwort*), compreensão (*Verstand*), compreender (*verstehen*), razão (*Vernunft*), forças da alma (*Seelenkräfte*), raio (*Blitz*), imemorialmente súbito (*Urplötzlich/schnell*), elemento (*Element*), imitação (*Nachahmung*), desdobramento (*Entwicklung*), repercutir (*fortwirken*), progressão (*Progression*), inventar (*erfinden*), reconhecer (*erkennen*), nomear (*nennen*), jeito/habilidade (*geschick*), história (*Geschichte*), condensação (*Dichtung*), interesse (*Interesse*), determinação (*Bestimmung*) põem em jogo o pensamento de Herder (1987, p. 21-187; 1989, p. 7-110).

Quando Herder desenvolve a temática da origem da linguagem, está em jogo toda a esfera ou toda a envergadura da humanização do homem. A linguagem é do homem na medida em que este *do homem* expressa a capacidade genética e progressiva de essencialização própria do homem e do próprio homem. A linguagem não é senão o próprio homem. Ela revela o modo de ser próprio do homem e do próprio homem. A linguagem é o que é desde que e como o homem se compreende *em* seu mundo, a partir e como ele experimenta o limite de sua esfera como dinâmica de sua própria constituição. A linguagem é o modo de ser do próprio homem como homem.

Conforme veremos logo a seguir, o propósito da presente reflexão, na medida do possível, pretende ocupar-se diretamente das ideias herderianas de uma tradução portuguesa, mas também nos serviremos de uma edição alemã, razão pela qual, vez ou outra, indicaremos outras opções de tradução entre colchetes que, segundo nos parece, podem ser mais apropriadas. Além disso, importante dizer de passagem, no final dos anos 30, Martin Heidegger ofereceu um seminário a partir do mesmo texto, traduzido no Brasil sob o título *Sobre a essência da linguagem: A respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem" (Vom Wesen der Sprache: Die Metaphysik der Sprache und die Wesung des Wortes; Zu Herders Abhandlung "Über den Ursprung der Sprache")*. Contudo, nosso propósito não será confrontar-nos diretamente com os resultados heideggerianos nesta reflexão (conferir Heidegger, 2015, p. 7-178; 1999, p. 1-215). Todavia, no intuito de manter aberta e desperta nossa sensibilidade com outras tradições linguísticas e culturais sobre o tema desenvolvido por Herder, serão citados outros textos, a fim de apontar fenomenologicamente para a mesma origem ontológica da linguagem humana para outros autores (Hölderlin, 1959;

Rosa, 1985; Merton, 1999).

1. O ENSAIO SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM, DE HERDER

No *Ensaio sobre a origem da linguagem (Habhandlung über den Ursprung der Sprache)*, de 1772, Johann Gottfried Herder busca compreender e fundamentar filosófica e ontologicamente o modo da essencialização da linguagem, isto é, próprio do homem e do próprio homem, o que vem expressa já na primeira frase do *Ensaio*: “Logo enquanto animal o homem possui linguagem” (“*Schon als Tier, hat der Mensch Sprache*”) (Herder, 1987, p. 25; 1989, p. 9). Lançamo-nos aqui à tarefa de acompanhar e compreender o pensamento deste pensador. Para realizar e cumprir este propósito, uma indicação do próprio Herder:

A filosofia toma o homem no primeiro momento (*im Ersten Zustande*) de sua atividade livre (*der freien Thätigkeit*), na primeira sensação completa (*im ersten vollen Gefühl*) da sua existência integral (*seines gesunden Daseyns*) e limita-se, pois, a explicar esses primórdios em termos humanos (*und erklärt also diese Momente nur Menschlich*) (Herder, 1987, p. 119-120; 1989, p. 75).

Nesta passagem, que está no início da segunda parte do *Ensaio*, Herder pretende fundamentar e esclarecer que a origem da linguagem só é possível de onde ela mesma emana e nos apresenta a necessidade naturalmente humana, isto é, *tem sua origem no homem enquanto tal*.

Dessa maneira, o *Ensaio* de Herder inscreve-se num contexto amplo de uma preocupação: apresentar uma fundamentação filosófica à origem da linguagem! Autores antigos e modernos que se preocuparam com o mesmo problema como Diodoro, Vitruvius, Wolff, Diderot, Rousseau, Condillac são citados ou até mesmo criticados por Herder, ou seja, são diversas as teses defendidas por estes e outros autores no que concerne à origem da linguagem. Contudo, circunscrever ou descrever todas estas diferentes teses está fora do escopo da presente reflexão. Herder, no entanto, encontra em Johann Peter Süssmilch (1707-1767) a antítese mais expressiva e sente necessidade de refletir a respeito. A tese de Süssmilch é fundamentalmente esta: *A origem da linguagem é divina!* Süssmilch foi pastor, estatístico e demógrafo alemão e que havia publicado um ensaio sobre a “*Prova de que a linguagem humana seria de origem divina*” (Herder, 1987, p. 31), sob o título *Versuch eines Beweises, dass die erste Sprache ihren Ursprung nicht von Menschen, sondern allein vom Schöpfer erhalten habe*, datado de 1766.

Herder, porém, não concebe que a linguagem seja resultado de intervenção divina, pois mesmo que assim fosse – pergunta-se ele –, como poderia, então, o homem aprender de Deus a linguagem? Qual a predisposição no homem para tal aprendizagem? Por isso, Herder inverte curiosamente a tese: a linguagem é de origem humana! A investigação herderiana parte da seguinte preocupação:

Posso, pois, admitir o seguinte princípio: *a sensibilidade, as capacidades e as aptidões dos animais aumentam em força e intensidade na proporção inversa da amplitude e diversificação do seu círculo de atividade (im umgekehrten Verhältnisse der Grösse und Mannigfaltigkeit ihres Wirkungskreises).*

Mas, acontece eu o homem não tem uma esfera assim, uniforme e estreita (*der Mensch hat keine so einförmige und enge Sphäre*), em que só houvesse uma única ocupação a aguardá-lo. À sua volta há um mundo de tarefas e determinações (*eine Welt von Geschäften und Bestimmungen liegt um ihn*).

Os sentidos e a organização do homem não estão aperfeiçoados numa direção específica. O homem tem sentidos para tudo, o que faz com que sejam fracos e embotados em relação a cada coisa específica.

As forças da alma humana dispersam-se pelo mundo todo (*seine Seelenkräfte sind über die Welt verbreitet*). Não há aqui direcionamento das representações para uma coisa única; conseqüentemente não há aptidões nem capacidades instintivas e não há – fator que mais nos incomoda – linguagem animal (Herder, 1987, p. 44; 1989, p. 23-24).

E no mesmo contexto, ao final do primeiro capítulo da primeira parte do *Ensaio* herderiano:

Quanto maior o círculo de um animal, quanto mais diferenciados os sentidos... Para quê repetir-me? *Com o homem este cenário altera-se completamente. [...] que linguagem há no homem que seja instintiva como a que possui cada espécie animal, segundo a respectiva esfera e dentro dela (in und nach ihrer Sphäre)?* A resposta é breve: *nenhuma!* E, no entanto, esta breve resposta é decisiva (*entscheidet*) (Herder, 1987, p. 45-46; 1989, p. 24).

Na tarefa de fundamentação da linguagem, Herder depara-se com uma afirmação paradoxal: “Supondo os homens abandonados às suas capacidades naturais, têm eles condições de inventar a linguagem e em que condições chegariam eles a esta invenção?” (*Haben die Menschen, ihren Naturfähigkeiten überlassen, sich selbst Sprache erfinden können?*) (Herder, 1987, p. 9-110; 1989, p. 21-170).

É importante observar que a investigação herderiana não parte da sentença latina *animal rationale* (“o homem é animal racional”). Parte da sentença grega *zoon echon légein* (“como animal, o homem tem linguagem”). Ele vê necessidade de pensar esta sentença oracular desde sua origem, isto é, gregamente. Pensar de modo grego significa pensar o próprio vigor do que e como foi pensado pelos gregos. É decisivo, portanto, traduzir a sentença grega, o que significa entendê-la desde o horizonte de sua cunhagem filosófica (Heidegger, 1988, p. 81-87 e p. 211-226; 1986, p. 45-50 e p. 153-167; também Heidegger, 1967, p. 21-100; 1949, p. 5-47).

Herder busca então pensá-la. Busca, primeiramente, resgatar o vigor do verbo *echon* (*haben*, isto é, *ter*). Com efeito, Herder busca pensar a essencialização da linguagem a partir de seu próprio fundamento. Mas, o que quer dizer isto? Ser e estar lançado no fundamento da linguagem diz fundamentalmente: buscar o ser do fundamento deste ser e estar lançado a partir de seu fundamento. Mera redundância? Uma tautologia? Assim parece, mas a implicação que isto acarreta à tarefa do pensar ainda não foi pensada radicalmente.

Entretentes, o que e como se há de pensar o verbo *echon*? Há que se pensá-lo gregamente. A sentença diz: como animal o homem tem (*echon*) linguagem. O que vem dito através do verbo *echon*? O verbo *ter*, em português, provém do verbo latino *tenere*. Na língua portuguesa, conhecemos também o verbo *haver* como *ter*. O verbo alemão que traduz *echon* é *haben*. Nota-se uma semelhança entre os radicais dos verbos *haver* e *haben*. *Habere* diz *habitus*, isto é, o trabalho incessante de constituir e manter-se no hábito, a tarefa nunca acabada de apropriação. Os hábitos são sempre apropriações de uma herança do passado. Isso comprova que são temporais e que podem ser experimentados em cada nova passagem, em cada nova apropriação. Hábito não é, então, nunca algo pronto, acabado, mas tarefa de realização e constituição de sentido. O verbo *echon* carrega consigo a significância, o sentido de que os hábitos do homem são históricos, de que precisam, carecem de apropriação. Mais ainda: que tal apropriação é já sempre apropriação e perda de um sentido para a sua própria existência. Perda? Sim, simultaneamente perda. *Echon* diz *ser um ter de ser*. Ser um ter de ser diz o imperativo do nunca acabado. Daí uma tarefa, um ser e estar lançado na *posse*, na *herança* e na *perda* da possibilidade mais primordial da nossa existência: ser um ter de ser.

Acompanhemos as ponderações e questionamentos de Herder nas duas passagens a seguir:

Supondo então que chamamos linguagem a esses sons imediatos da impressão [sensação] (*Empfindung*), parece-me que a origem (*Ursprung*) da linguagem (*Sprache*) é extremamente natural (*natürlich*). Esta origem não só não é sobre-humana (*übermenschlich*) como se revela abertamente animal: a lei natural de um mecanismo sensível (*das Naturgesetz einer empfindsamen Maschine*) (Herder, 1987, p. 37-38; 1989, p. 18).

E, se os homens são, do nosso ponto de vista (*für uns*), as únicas criaturas de linguagem que se conhecem (*die Einzigsten Sprachgeschöpfe sind, die wir kennen*), se se distinguem dos animais precisamente pela linguagem, que ponto mais seguro para iniciar a investigação (*der Weg der Untersuchung*) senão o das observações relativas à diferença entre os animais e os homens? (*bei Erfahrungen über den Unterschied der Thiere und Menschen*) (Herder, 1987, p. 41-42; 1989, p. 21-22).

O sentido da linguagem não se deixa afunilar a uma língua nem a uma pretensa capacidade racional detectável ou não no ser humano. A diferença capital entre o animal e o homem jaz na diferença do modo de vida, enfim, do modo de ser. Modo é vida e modo é ser. *Zoon* é vida e é modo! Mas esta diferença já não é ela há muito tempo por demais evidente para nós? Talvez sim e talvez não. Herder concebe que entre o *modo de ter vida* do animal (*bios*) e o *modo de ter vida* do homem (*zoon*) há uma diferença fundamental. Uma diferença fundamental que ele procura determinar por esfera (*Späre*). Para ele, há uma diferença essencial entre o modo de ser da esfera do animal da esfera do homem. A origem da linguagem relaciona-se ao fato de a esfera ser no homem totalmente diversa, isto é, que a estrutura e o limite desta esfera não se deixam determinar apenas por aquilo a que nós chamamos instinto. O homem é o ser já sempre lançado no mais radical da vida e, por isto, o mais feliz e o mais desgraçado dos seres. Tem sempre que conquistar o sentido da vida e de seu modo de ser pelo seu agir, na sua vida, seja qual for sua ocupação.

Nos trechos que seguem, fica patente o questionamento e a refutação herderiana da tese da origem divina da linguagem sustentada por Süssmilch:

Chamei à tentativa de conclusão de Süssmilch um círculo vicioso (*ewigen Kreisel*) porque posso fazê-lo girar contra ele, como ele o pode fazer contra mim: a coisa há de continuar sempre às voltas. Sem linguagem (*ohne Sprache*) o homem não possui razão (*keine Vernunft*) e sem razão não tem linguagem (*und ohne Vernunft keine Sprache*). Sem linguagem e sem razão não é capaz de receber qualquer ensinamento divino, mas sem ensinamento divino não chega a ter razão e linguagem. Onde nos leva isto? Como pode o homem aprender uma língua por via do ensino divino se não dispõe de razão? E é certo que não dispõe do mínimo uso da razão sem linguagem. Assim, teria que ter tido linguagem antes de a ter e de a poder ter? Ou teria que se ter tornado racional sem o mínimo uso da razão? Para ser capaz de aprender a primeira sílaba ensinada por Deus, como o próprio Süssmilch admite, tinha que já ser homem (*musste er ja ein Mensch seyn*), isto é, tinha que poder pensar distintamente; ora, na primeira ocorrência de um pensamento distinto já existia linguagem na alma humana; portanto, esta foi inventada [encontrada, descoberta] (*erfunden*) pelo homem, pelos seus próprios meios (*eigenen Mitteln*) e não por intermédio do ensino divino (*nicht durch Göttlichen Unterricht*) (Herder, 1987, p. 61-62; 1989, p. 36).

Se se quiser, com base noutros fundamentos, aceitar a ideia duma facilitação desse tipo por parte de Deus, nada se acrescenta no que toca ao nosso objetivo; porque, não só não fica dito que Deus *tenha inventado* [encontrado, descoberto] (*erfunden*) a linguagem para a entregar aos homens, como se depreende que

estas continuam a ter que a *encontrar (finden)* por ação das suas próprias forças (*eigener Kräfte*), embora submetidos a uma ordem que os transcende. Para poder receber da boca de Deus a primeira palavra, enquanto primeira palavra (*Wort als Wort*), ou seja, enquanto sinal evocativo ao dispor da razão (*als Merkzeichen der Vernunft*), seria já necessária a razão (*war Vernunft nöthig*); e o homem, para *entender (verstehen)* essa palavra, enquanto verdadeira palavra (*Wort als Wort*), precisaria de ter empregue (*musste anwenden*) a mesma consciência que lhe teria sido necessária para ser ele próprio a inventá-la (*als hätte ers ursprünglich ersonnen*) (Herder, 1987, p. 62; 1989, p. 36-37).

É notório e muito significativo a maneira como Herder desenvolve seus questionamentos no que tange ao tema investigado por ele. Afinal, que significaria dar razão ou mesmo a natureza humana a alguém que já não as possuísse de antemão? Que o homem teve de descobrir ou encontrar, ele mesmo, a linguagem, e que o fez a partir das sonoridades da natureza viva (*aus Tönen lebender Natur*), enfim, que dessas sonoridades criou ou encontrou as características para o uso do seu superior entendimento? Nas palavras do próprio pensador: “Em que medida pode o homem pensar *sem* a linguagem e que coisas pensa o homem necessariamente *com* a linguagem? É uma interrogação que depois se estende em aplicações a quase todas as ciências” (Herder, 1987, p. 68; 1989, p. 41). Neste mesmo contexto da argumentação herderiana, podemos ler também:

A verdade reside num único ponto! Mas, uma vez colocados sobre esse ponto, podemos ver tudo à nossa volta: os motivos pelos quais nenhum animal pode inventar a linguagem, nenhum deus a deve inventar e o homem, enquanto homem (*der Mensch, als Mensch*), a pode e deve inventar? (*Sprache erfinden kann und muss*) (Herder, 1987, p. 68; 1989, p. 40).

Podemos perceber, segundo estas passagens do *Ensaio* de Herder, que ele não concebe o homem (*Mensch*) ainda não homem. Pergunta-se ele: um homem ainda não homem, donde lhe adviria, então, sua humanidade? Sua humanidade se radica no fato de, enquanto homem, já possuir linguagem; uma criatura predisposta à possibilidade de linguagem, e só ela, está na possibilidade de elaboração do pensamento. Esta criatura, o homem, é a criatura livre por natureza. Isto significa: a única criatura lançada na possibilidade de ter de ser. Pensar radicalmente é pensar o modo de ser desta possibilidade como possibilidade, como o modo de ser mais próprio do homem. E por que é isto necessário? Influi ou ajuda-nos isto em algo na nossa vida cotidiana? A primeira resposta é: não! Talvez mesmo nos atrapalhe, nos incomode, nos tire deste comum e tranquilo cotidiano. Todavia, também não se pode negar que pensar a nossa possibilidade mais própria como um modo de ser – já sempre à nossa volta nos afazeres cotidianos – não faça nada conosco. Isto quer dizer: talvez não possamos fazer nada com o pensamento, que ele é inútil; mas não se pode dizer que o pensamento não faça nada em nós e que não nos reconduza para o modo de ser que nos é mais próprio: ser um ter de ser.

Friedrich Nietzsche o diz paradigmaticamente numa passagem do prólogo do *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém (Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen)*:

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo.

É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar.

O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma *transição* e um *ocaso* (Nietzsche, 1989, p. 31).

Podemos acompanhar esta belíssima e extraordinária passagem de um dos discursos de Zaratustra na língua

materna de Nietzsche:

Der Mensch ist ein Seil, geknüpft zwischen Tier und Übermensch – ein Seil über einem Abgrunde.

Ein gefährliches Hinüber, ein gefährliches Auf-dem-Wege, ein gefährliches Zurückblicken, ein gefährliches Schauern und Stehenbleiben.

Was gross ist am Menschen, das ist, dass er eine Brücke und kein Zweck ist: was geliebt werden kann am Menschen, das ist, dass er ein *Übergang* und ein *Untergang* ist (Nietzsche, 1990, p. 8).

Não se trata de superar esta corda. Na corda está toda a distância, toda a diferença que separa o homem do animal. Estendido sobre o abismo, o homem está sempre às voltas da incessante tarefa de auto-superação. A ideia de auto-superação de si – expressão propositalmente pleonástica – diz respeito a um dos pensamentos nietzschianos centrais tematizados pelo filósofo no protagonista Zaratustra que é, ele mesmo, expressão deste “além do homem” (*Über-mensch*), sendo apenas e tão somente ultra-passamento de si, em si e a partir de si e o perigo (*Gefähr*) que isso implica em toda e qualquer passagem da vida humana.

Entretanto, consideremos que, até aqui, fica claro que a investigação pela origem da linguagem, segundo Herder, passa necessariamente por um questionamento da origem como origem, do fundamento como fundamento. Herder não encontra esta origem fora do homem, *mas no próprio homem*. Há uma predisposição natural no homem que o faz voltar-se sempre de novo para sua origem. Ele vive na origem e para a origem. Isto significa: está continuamente convocado a viver plena e radicalmente no apelo de sua origem, de ser o que já sempre foi e o que não foi como um único átimo de sua existência. O homem é a criatura naturalmente predisposta para a linguagem. Sem esta predisposição, ele nunca teria inventado ou encontrado (*erfinden*) linguagem.

2. A RELAÇÃO DA ESCUTA E SONORIDADE: O SILÊNCIO

No âmbito da compreensão de uma fundamental diferença entre o modo de ser da esfera do homem em relação ao modo de ser da esfera do animal, Herder busca compreender a estrutura dos sentidos enquanto sentidos. Porém, o que chamamos nós de sentidos? Sentidos são a audição, a visão, o tato, o olfato, o paladar. Sentido tem também uma frase, uma ação, uma vocação. Sentido é também o modo pelo qual o ser se nos advém e envia. Sentido é o modo no qual nós já sempre nos descobrimos enredados, enviados para isso ou para aquilo, dessa ou daquela maneira.

Mas que significa, para Herder, o sentido da escuta, da audição (*Gehör*)? Por que só ela pode desempenhar o papel de primeira mestra da linguagem? Que função medial tem, pois, a escuta ou a audição no modo de essencializar-se da linguagem?

Gehör diz, segundo a língua alemã, a escuta, a audição. *Hören* diz, então: escutar, ouvir. *Ge-hören* diz ser de, pertencer a, fazer parte de, entrar em, vir a propósito, ser preciso, ser próprio, perfazer-se. Esta diversidade de significados só é possível na medida em que *Gehör* deixar de ser apenas o órgão físico ou mera capacidade de ouvir de um sujeito qualquer. Esta polissemia do verbo *ge-hören* jaz no fato de que o *ge-* do prefixo ser re-unitivo, re-colhetivo. O *ge-* traz à tona e mostra conjunturas diferenciadas da dação ou doação de sentido mediante a palavra *Ge-hör*. Todos os significados possíveis de *hören*, portanto, deixam resguardar-se neste *ge-*. Ele reúne, recolhe, guarda e mantém. Neste sentido a escuta é sempre uma escolha. Mas *ge-hören* é também *per-tencer*. Pertencer é a descoberta de *co-per-tinência*. Daí que, toda pertença ser já sempre a descoberta de uma identidade e uma

identificação. No texto aparece ainda uma outra variante de Ge-hör: horchen e ge-horchen. Estas dizem, por sua vez, obedecer a, escutar.

Neste ponto do *Ensaio*, Herder alcança então o ponto de seu questionamento em relação à tese de Süssmilch sobre a origem divina da linguagem e prossegue nestes termos:

A noção fundamental (*Hauptbemerkung*) é esta: “Como o homem só por intermédio do ouvido [escuta, audição] receber a linguagem que a natureza lhe ensina e como sem o ouvido [escuta, audição] não seria possível a invenção da linguagem, o ouvido [escuta, audição] tem que ocupar uma posição central específica (so ist Gehör auf gewisse Weise der Mittlere seiner Sinne) no conjunto dos sentidos; o ouvido [escuta, audição] torna-se assim a verdadeira porta para a alma e o laço de união entre os restantes sentidos” (Herder, 1987, p. 87; 1989, p. 53).

Portanto, importa desenvolver aqui mais detidamente o papel medial do sentido da escuta ou da audição. Este papel medial não consiste no fato da escuta ou audição estar “entre” o tato e o ver. A escuta ou audição desempenha o papel medial pelo fato de mediar, deixar e fazer passar, deixar e fazer acontecer. Herder emprega muitas vezes a preposição *durch*. Ou seja, *durch* diz: *através de, por meio de, mediante a*. *Durch* como preposição exprime a *força mediadora* que atravessa e que, atravessando, permanece; é a força que, atravessando, perfaz-se e perfazendo-se, permanece, instaura e origina linguagem. Há ainda uma outra palavra usada por Herder para dizer esta força que faz passar e acontecer. É ela *Mitte, o meio, o ponto medial*, conquanto o próprio filósofo considera que a “luz do entendimento [humano]” (*Licht des Verstandes*) advém “*por intermédio da linguagem*” (*durch die Sprache*)(Herder, 1987, p. 129; 1989, p. 82).

Além disso, sabemos que tanto a palavra alemã *Mittel* como a portuguesa *re-médio* resguardam este significado medial, isto é, de permitir passar e, assim, possibilitar acontecer. Segundo Herder, não é possível admitir humanamente uma mediação dá ou para a origem da linguagem que já não estivesse no próprio homem desde que ele é quem é, desde que ele é como é. Como sabemos, o remédio tem a função de restabelecer a saúde a partir da doença. Contudo, o mesmo não se pode dizer em relação à origem da linguagem! Ainda é possível ouvir algo a este respeito no Fragmento 111 atribuído a Heráclito: “A doença faz da saúde coisa boa e agradável; a fome da saciedade; a fadiga do repouso” (Anaximando, Parmênides, Heráclito, 1991, p. 88-89).

Entretanto, o que implica a escuta como sentido medial do passar a haver linguagem? Som e escuta originalmente se pertencem. A escuta se revela onde há o que escutar. Mas será que ela não se revela ainda e mais originalmente onde isto não acontece? O som se revela lá onde há a disposição primeira da escuta. É a escuta que sabe ter e dar ouvido ao silêncio. Daí, som e escuta já estão sempre operando desde um terceiro, a saber, o silêncio (Heidegger, 1988, p. 218-226; 1986, p. 160-167). O silêncio é a condição não só de todas as possibilidades do dizer como também de todas as possibilidades do não-dizer. Este último se faz patente quando, e principalmente quando, todo alarido e todo turbilhão de nossas falas emudecem. Isto não somente quando somos lançados para uma dimensão daquilo que nos transcende, mas principalmente quando não conseguimos dar um sentido para nossa situação de transitoriedade. Isto acontece, por exemplo, quando a doença nos acomete e quando na doença nos vemos lançados diante de nossa própria morte. Para silenciar não basta só não falar, calar-se. Para silenciar e descobrir o sentido do silêncio algo mais radical tem que acontecer, atingir-nos. É preciso tão-somente deixar que o silêncio nos fale como silêncio.

Em *Tutaméia*, João Guimarães Rosa conta a seguinte historinha nesta passagem:

Nem é nada excepcionalmente maluco o gaio descobrimento do paciente que, com ternura, Manuel Bandeira nos diz em seu livro “Andorinha, Andorinha”:

“Quando o visitante do Hospício de Alienados atravessava uma sala, viu um louquinho de ouvido colado à parede, muito atento. Uma hora depois, passando na mesma sala, lá estava o homem na mesma posição. Acercou-se dele e perguntou: ‘Que é que você está ouvindo?’ O louquinho virou-se e disse: ‘Encoste a cabeça e escute.’ O outro colou o ouvido à parede, não ouviu nada: ‘Não estou ouvindo nada.’ Então o louquinho explicou intrigado: ‘Está assim há cinco horas’” (Rosa, 1985, p. 15-16).

O homem é um ente que tem linguagem, e isto a partir do fato de já sempre se descobrir lançado na possibilidade de escuta e de pertença às coisas, de pertença à sua esfera, de pertença ao seu mundo. A palavra antes de ser um composto de sílabas escritas ou faladas, já sempre *soou e ecoou* (*ertönte*) em nosso próprio ser, em nossa existência. A palavra já sempre, de alguma maneira, atingiu a nossa alma. E isso por nossa alma já ser e estar disposta para esta possibilidade, isto é, as forças da alma (*Seelenkräfte*) já nos predis põem à possibilidade da linguagem. Daí a clarividência ontológica de Herder em suas ponderações filosóficas:

Colocado no estado de reflexão (*Zustand von Besonnenheit*) que lhe é próprio, logo que essa reflexão (*Besonnenheit* [Reflection]) começou a agir livremente, o homem inventou a linguagem. Pois, reflexão (*Reflection*) que é? E linguagem (*Sprache*)?

A reflexão (*Besonnenheit*) é caracteristicamente específica do homem, faz parte da essência da espécie humana. Ora, a linguagem (*Sprache*) e a invenção da linguagem (*Erfindung Sprache*) pelo próprio homem também o são.

Assim, a invenção da linguagem é para o homem tão natural como o fato de ser homem! Tratemos, pois, de desenvolver os dois conceitos: reflexão (*Reflection*) e linguagem (*Sprache*) (Herder, 1987, p. 55; 1989, p. 31).

Segundo Herder, homem e animal diferenciam-se através do modo de relacionarem-se com o limite de suas esferas. Não se trata de uma diferença que se manifestaria *a posteriori* no homem. O limite e o modo de relacionarem-se com o limite são, desde a origem, diferentes. Por isso, segundo Herder, justificando que o homem “*não podia ser um animal instintivo*”, mas que, “*devido à força positiva da sua alma e à liberdade de ação dessa força, tinha que ser uma criatura dotada de reflexão*”, como segue:

Se de fato a razão não é uma força isolada, agindo sozinha, mas sim um direcionamento específico de todas as forças próprias do gênero humano, *então o homem tem que a possuir logo no primeiro momento, precisamente porque é homem (so muss der Mensch sie im ersten Zustande haben, da er Mensch ist)*. A reflexão (*Besonnenheit*) tem que mostrar-se logo no primeiro pensamento da criança, tal como no inseto se vê desde o princípio que é inseto. [...] E quem seria o idiota capaz de supor que o homem, no primeiro momento da vida, pudesse pensar da mesma maneira que o faz depois de um exercício de vários anos? Seria o mesmo que negar o crescimento das forças da alma (*Seelenkräfte*) e, com isso, declarar simultaneamente a nossa menoridade mental. Ora se, à face da terra, crescimento não pode significar outra coisa senão uma utilização cada vez mais fácil, mais forte e mais variada, não será, pois, necessário que exista já em embrião aquilo que depois deve crescer? Não é verdade que na semente já está contida a árvore toda? Se a criança não tem garras nem juba de leão como um grifo, também não pensa em termos

humanos, então a *reflexão* (*Besonnenheit*), isto é, a modelação de todas as suas forças sobre este direcionamento principal, constitui o seu destino, no primeiro momento, como no último (*schon so im ersten Augenblick wie im letzten*). A expressão da razão está já tão ativa na sensibilidade da criança quanto é certo que o Omnisciente (*Allwissende*), que criou esta alma, vê no primeiro momento da sua existência toda teia de ações da respectiva vida, tal como um geômetra descobre a relação geral duma progressão a partir de *um* membro dessa progressão (*Progression*) (Herder, 1987, p. 52-53; 1989, p. 29-30).

As famílias de palavras como, por exemplo, a interjeição, o verbo, o substantivo, o artigo não são elaborações estereotipadas que carecem de origem. Elas remetem para a origem. As famílias de palavras talvez sejam mesmo níveis que apontam para uma única e mesma origem. Segundo Herder, a origem da linguagem, isto é, o primeiro momento da humanidade do homem teve de passar necessariamente por uma interjeição (Herder, 1987, p. 28; 1989, p. 11). A interjeição não é uma palavra imperfeita, uma forma ainda não elaborada da fala, ou seja, uma onomatopeização não poderia ser apenas uma mera imitação (Herder, 1987, p. 71-113; 1989, p. 42-72). Ela é a condição primigênia e elementar para que uma primeira e concomitante elaboração aconteça. A interjeição já sempre revela e mostra o momento balbuciente em que “as coisas” podem e devem ser reconhecidas pelas forças da alma. Pelas forças da alma (*Seelenkräfte*) o homem (*Mensch*) *re-conhece* (*er-kennt*) que “a ovelha bale”, que “a rola arrulha”, que “o cão ladra”. *Eis o elemento do primeiro momento humano!* A interjeição revela e faz mostrar já sempre o homem se descobrindo num *pathos*, numa força, num interesse. O falar do homem é já sempre fruto de um *inter-esse*. *A descoberta de que está “nas coisas”!* A interjeição – “a ovelha bale!” – é já sempre a ex-pressão, a e-laboração e o des-en-volvimento de uma estrutura de sentido, isto é, das forças da alma (*Seelenkräfte*) próprias do homem e do próprio homem (*Mensch*). A marca (*Merkmal*) do balir da ovelha traz à tona todo o mundo da lida ou cuidado do pastor, por exemplo. A marca é o elemento! O elemento é o ponto! E o ponto não pode já ser ponto para si, há que des-dobrar-se de si para si. A marca tem de necessariamente vir-a-ser o que ela é a partir e no próprio homem para o próprio homem.

Assim, no exemplo usado por Herder – de que “a ovelha bale” – é preciso saber suficientemente silenciar para aprender e co-nascer para aquilo que ele busca apreender e descrever. Com efeito, “a ovelha bale!” Não é uma constatação de um sujeito cá que ouve algo outro acolá que não é já ele mesmo, isto é, ele verdadeiramente ouviu uma ovelha balir. A experiência de que “a ovelha bale” é, portanto, uma experiência a-colhedora e re-colhedora do *sentido na sua totalidade*. Nesse sentido, se meramente “constatássemos” que “a ovelha bale”, ainda não silenciamos suficientemente a fim de realmente apreender a estrutura de sentido deste “balir” *da ovelha*. É preciso, então, re-dimensionar a origem da estrutura de sentido, pensa Herder. É preciso re-nascer para re-conhecer que em tudo que o homem re-conhece, re-conhece-se a si mesmo e que, re-conhecendo, re-conhece-se a si mesmo. Em cada marca (*Merkmal*) descoberta, descobre-se e re-ssalta a si mesmo! Mais ainda: o primeiro momento – o do reconhecimento da estrutura de sentido – não é um momento que uma vez foi, que não é mais ou que ainda não é. Este primeiro momento é cada momento. Cada momento é sempre todo momento. Este primeiro momento é estrutural e constitutivamente o homem a cada momento e sempre de novo de maneira nova. O homem é a única criatura livre-pensante lançada no ilimitado limitado da amplitude de sua esfera. Faz sempre de novo a experiência do limite de sua esfera, faz sempre de novo a experiência da sua origem, do seu fundamento. A verdade é que sua alma no íntimo, balira – salienta mais uma vez Herder –, pois tinha forçosamente escolhido este som como sinal para sua recordação (Herder, 1987, p. 56; 1989, p. 32).

Até um cego teria necessariamente inventado ou encontrado (*erfinden*) a linguagem se não fosse totalmente insensível (*fühllos*) e surdo (*taub*). Daí, mesmo se estivesse totalmente ilhado e isolado, a natureza haveria de se lhe revelar pela escuta (*Gehör*). Herder concebe, portanto, que a essencialização da linguagem passa pela sensibilidade (*Empfindung*). As palavras alemãs *erfinden* (inventar ou encontrar) e *Empfindung* (sensibilidade) indicam para a dinâmica de busca de sentido. *Erfinden* é a busca de uma primeira marca (*Merkmal*), mas também é o que permite perdê-la. Pela sensibilidade da escuta o homem pela primeira vez aprendeu a realidade e, conseqüentemente, entrou em comércio com os entes e soube nomeá-los.

Para exemplificar, um texto de Chuang Tzu, mestre na Ásia há aproximadamente 2500 anos atrás. Este texto, que tem por título “O sopro da natureza” (Merton, 1999, p. 52-53), apresenta-nos a experiência da escuta pela voz da natureza, como podemos ler:

Quando a natureza magnânima suspira,
Ouvimos os ventos
Que, silenciosos,
Despertam as vozes dos outros seres.
Soprando neles.
De toda fresta
Soam altas vozes. Já não ouvistes
O marulhar dos tons?
[...]
Algo está soprando por mil frestas diferentes.
Alguma força está por trás de tudo isso e faz
Com que os sons esmoreçam.
Que força é esta?

3. O HOMEM É UM SER LIVRE-PENSANTE, UM PER-FAZEDOR

Tudo o que foi dito até aqui tinha por finalidade conduzir-nos a esta primeira lei natural segundo Herder: “O homem é um ser em atividade [um ser livre-pensante, um ser per-fazedor], e cujas forças atuam [repercutem] em progressão; por isso é [o homem] uma criatura da linguagem [criação da linguagem]!” (“*Der Mensch ist ein freidenkendes, thätiges Wesen, dessen Kräfte in Progression fortwürken; darum sei er ein Geschöpf der Sprache*”) (Herder, 1987, p. 117; 1989, p. 73).

Até aqui buscamos determinar o que entendemos por natureza do homem e natureza da linguagem. Mas, em que medida as forças do homem repercutem em progressão? Em que medida é ele uma criação da linguagem? Estas perguntas não são quaisquer perguntas. E, todavia, apontam para uma única e cabal pergunta: O que é isto, o homem? A resposta é também única e cabal: “Venha a ser o que tu és!” (“*Werde, was du bist!*”) (Heidegger, 1988, p. 198-204; 1986, p. 145).

Chegou assim a nossa reflexão a um impasse? Não. É apenas o seu princípio. Que princípio? O princípio está no modo como compreendemos o modo de ser do homem. É isto o que vínhamos tentando compreender até aqui. O homem é tão mais ele mesmo quanto mais faz a experiência de ser um ser errante. Ele não evolui, se entendermos

evolução como sequência de estágios e que, na medida que mais evolui, mais se distancia de sua origem. Não! O homem não evolui, mas põe a descoberto o que já sempre foi, o que é, pode e deve ser. Tudo que faz ou não faz traz já sempre a marca, o estigma de sua origem. É já sempre toda sua possibilidade. Daí que, mesmo a imitação não pode ser já mera imitação ao modo dos animais. Imitar é re-petir! Re-petir a gênese da temporalidade da palavra. A palavra não é um dado imediato, pronto e acabado. A palavra é o vigor co-nascivo patenteando-se em cada nova passagem. Esta passagem da temporalidade da palavra nós a experimentamos pela escuta. Escutar é saber dar o devido ouvido ao silêncio.

O homem “tomou, portanto, um único caminho que o havia de levar do sentir tátil ao sentido dos fantasmas mais sutis: o caminho da audição, isto é, do sentido da linguagem! Aprendeu assim a fazer soar (*gelernt tönnen*) tanto aquilo que via (*so wohl was er sieht*) como aquilo que tocava (*als was er fühlte*)” (Herder, 1987, p. 91; 1989, p. 56). Segundo Herder, o homem já não poderia jamais única e apenas imitar a natureza e a si próprio, razão pela qual nenhuma língua é animal é animal e todas são humanas, conforme podemos acompanhá-lo em outra passagem do *Ensaio*, citando inicialmente o próprio Süßmilch, para, em seguida, questioná-lo e, então, concluir:

“Todos os missionários (*alle Missionarien*) conseguiram falar com os povos que visitaram, mesmo os mais selvagens (*wildesten Völkern*), e convencê-los (*überzeugen*), coisa que não podia acontecer (*konnte nicht geschehen*) sem que se fizessem fundamentações e se chegasse a conclusões: as línguas desses povos tinham, portanto, que conter *terminos abstractos*, etc.” E, se assim fosse, significaria isso uma ordem divina (*Göttliche Ordnung*)? Ou não será que essa abstração de palavras, quando se tornam necessárias, é precisamente o mais humano dos fatos? E qual o povo que alguma vez dispõe na sua língua de uma abstração (*Abstraktion*) que não tenha sido ele próprio a conquistar (*erworben*)? E teriam todos esses povos o mesmo número de abstrações? Terão os missionários podido exprimir-se por toda a parte com a mesma facilidade ou é exatamente o contrário que lemos nos relatos que fazem de diferentes partes do mundo? E como se exprimiam, senão adaptando os seus novos conceitos à linguagem autóctone por analogia com a mesma? E terá isto acontecido da mesma maneira em toda a parte? (*Und geschahe dies überall auf gleiche Art?*) Sobre o fato invocado haveria tanto, tanto a dizer! Quanto à conclusão, essa diz o contrário! Precisamente porque a razão humana não pode existir sem abstração e porque nenhuma abstração se faz sem linguagem, acontece que em qualquer povo a língua tem que conter abstrações, ou seja, tem que ser imagem da razão, uma vez que foi seu instrumento (*Werkzeug*). Mas como cada língua só contém aquilo que o povo que a fala pode fazer, e como nenhuma abstração existe que tenha sido obtida sem os sentidos (assim o demonstra a sua expressão originalmente sensível [*ihr ursprünglich sinnlicher Ausdruck*]), acontece que em parte alguma se encontra ordem divina a não ser no fato de a linguagem ser integralmente humana (*so fern die Sprache durchaus Menschlich ist!*) (Herder, 1987, p. 105-106; 1989, p. 66-67).

Ainda assim, uma pergunta permanece: como é o homem uma criação da linguagem? Uma criação da linguagem é ele desde que ele é. Uma criação é ele mesmo desde o primeiro elemento, desde a primeira marca. A primeira marca implica necessariamente em som. No primeiro som todas as palavras já estavam sendo ditas. O homem é re-flexo, ou melhor, ex-pressão dele mesmo na medida em que vem a ser o que ele é. Mas, o que é isto, o homem? Aparentemente, estamos tão distantes para responder a esta pergunta e, no entanto, tão próximos! Próximos? Sim! Esta pergunta é também reflexo ou expressão do modo de ser próprio do homem e do próprio

homem, caso contrário, nem sequer nos seria dado fazer esta simples e curta pergunta. O homem é um ser histórico (*geschichtlich*) em cujo poder está a tarefa mais radical: ter de ser o que foi, é e será como um único átimo de sua existência.

E, contudo, para onde pode ainda nos indicar a presente reflexão? *Apenas para a origem da linguagem!* A origem da linguagem não pode ser pensada fora ou além dela mesma. Não se pode passar por cima do fenómeno em que ela mesma acontece (*geschieht*). Para fazer a experiência da origem da linguagem uma só coisa é necessária: fazer a experiência. Fazer a radical experiência do limite de nossa possibilidade existencial. E como é isto possível? Isto é somente possível num radical e original saltar (*Ur-sprung*): saltar dentro da originalidade ou originariedade em que sempre já estamos lançados ou jogados existencialmente (Heidegger, 1988, p. 188-194 e 236-242; 1986, p. 134-140 e p. 175-180). Saltar significa: pensar o modo de ser como possibilidade de *minha própria existência*. *Trata-se, de fato, de um saltar dentro de mim mesmo!*

Na preleção proferida por Heidegger na Universidade de Friburgo, no semestre de verão de 1935, *Introdução à metafísica (Einführung in die Metaphysik)*, após comentar a oracular sentença *zoon lógon echon*, podemos ler na versão publicada da preleção:

O abandono do comum e corrente e o retorno à investigação, que se põe a si mesma em questão, é um salto. Ora, saltar só pode, quem toma o impulso devido. E é nesse impulso que tudo se decide (*Das Aufgeben des Geläufigen und das Zurückgehen in die fragende Auslegung ist ein Sprung. Springen kann nur, wer den rechten Anlauf nimmt. An diesem Aulauf entscheidet sich alles*) (Heidegger, 1969, p. 197; 1987, p. 134).

Entretanto, é nos dada ainda a possibilidade de perguntar originariamente: *O que é isto, pois, o homem?* (Heidegger, 1969, p. 111-112; 1987, p. 64-65). O homem é uma totalidade (*ein Ganzes*)! Uma criatura de reflexão e linguagem, de consciência e criatividade linguística (*ein Geschöpf von Besonnenheit und Sprache, von Besinnung und Sprachschaffung*)! (Herder, 1987, p. 47-69; 1989, p. 25-41).

O que é isto, pois, o homem? Um ente todo privilegiado que, para ser, tem de ser – ou, em termos heideggerianos – existe! (Heidegger, 1969, p. 141-214; 1987, p. 88-149; também Heidegger, 1988, p. 77-81; 1986, p. 41-45).

O que é isto, pois, o homem? O pensamento originário se ocupa e parte sempre de questões originárias. Busca pensar a origem enquanto origem. Daí o dizer de Heráclito no Fragmento 19: “Não sabendo auscultar, não sabem falar” (Anaximando, Parmênides, Heráclito, 1991, p. 62-63).

De fato, Martin Heidegger, ao longo de sua belíssima e original trajetória intelectual sobre procurou acercar-se do pensamento originário, intuindo e considerando reiteradamente que lá estariam as bases e as fontes do nosso modo de ser e pensar ocidentais (Heidegger, 2013; 1951; também Heidegger, 2004; 1980). Podemos apreender e entender isso pela *Canção do destino de Hyperion (Hyperions Schicksalslied)* de Friedrich Hölderlin (1959, p. 58-59):

Canção do destino de Hyperion
Andais lá acima na luz
Em chão macio, gênios venturosos!
Ares divinos resplendentes
Vos tocam de leve,
Como os dedos da artista

Cordas sagradas.
Sem destino, como dormente
Menino, respiram os deuses;
Pudicamente guardado
Em casto botão,
Eternamente
Lhes floresce o Espírito,
E os olhos felizes
Olham em serena
Claridade eterna.
Mas a nós foi-nos dado
Não repousar em parte alguma
Desfalecem, caem
Os homens sofredores
Às cegas de uma
Hora pra a outra,
Como água atirada
De rochedo em rochedo,
Anos a fio para o Incerto.
Hyperions Schicksalslied
Ihr wandelt droben im Licht
Auf weichem Boden, selige Genien!
Glänzende Götterlüfte
Rühren euch leicht,
Wie die Finger der Künstlerin
Heilige Saiten.
Schicksallos, wie der schlafende
Säugling, atmen die Himmlischen;
Keusch bewahrt
In bescheidener Knospe,
Blühet ewig
Ihren der Geist,
Und die seligen Augen
Blicken in stiller
Ewiger Klarheit.
Doch uns ist gegeben,
Auf keiner Stätte zu ruhn,
Es schwinden, es fallen
Die leidenden Menschen
Blindlings von einer

Stunde zur andern,
Wie Wasser von Klippe
Zu Klippe geworfen,
Jahr lang ins Ungewisse hinab.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixemos que nossos sentidos se recolham ou até mesmo silenciem e a fim de podermos ouvir nosso modo de ser pertencente numa outra estória contada por Chuang Tzu (Merton, 1999, p. 165-170), intitulada “O discípulo de Keng”:

Um discípulo queixava-se a Keng:
“Os olhos dos homens parecem todos iguais,
Não consigo ver neles qualquer diferença;
Ainda assim alguns homens são cegos;
Seus olhos não distinguem.
Os ouvidos dos homens parecem todos iguais,
Não percebo neles qualquer diferença;
Ainda assim alguns homens são surdos,
Seus ouvidos não ouvem.
As mentes de todos os homens têm a mesma natureza,
Não percebo nelas qualquer diferença.
Mas o louco não pode fazer
Da mente de outro a sua própria.”
[...]
Replicou Keng Sang: “Nada mais tenho a dizer.
As garnizés não chocam ovos de gansos,
Embora a ave de Lu possa chocar.
Não é tanta a diferença de natureza
como a diferença de capacidade.”
[...]
“Por que não ir ao sul
E ver Lao Tzu?”
O discípulo apanhou alguns mantimentos,
Viajou sete dias e sete noites
Só,
E aproximou-se de Lao Tzu.
[...]
Lao Tze respondeu-lhe:
“Está tentando medir
O meio do oceano

Com uma vara de seis pés.”
[...]
“Pode você abraçar o Uno
E não perdê-lo?
Pode prever as coisas boas e más
Sem a concha da tartaruga
Nem as palhas?
Pode repousar onde há repouso?
Sabe quando parar?
Pode cuidar de sua vida
Sem preocupações, sem desejar relatórios
De como outros estão progredindo?
Pode ficar firme sobre seus pés?
Pode fazer reverências?
Pode ser como um garoto
Que chora todo o dia
E não fica com dor de garganta?
Ou bate constantemente com a mão
Sem que fique machucada?
Ou que permanece sempre de olhos fitos
Sem ficar com dor nos olhos?
Você deseja os primeiros elementos?
A criança os tem.
Livre de preocupações, desinteressada de si,
Age irrefletidamente,
Fica onde a colocam, não sabe o porquê.
Não tenta buscar a solução das coisas,
Mas apenas as segue,
É parte da corrente.
São esses os primeiros elementos!”
Perguntou-lhe o discípulo:
“É isto a perfeição?”
Lao respondeu-lhe: “Não.
É apenas o início.”

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: A respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Vom Wesen der Sprache: Die Metaphysik der Sprache und die Wesung des Wortes; Zu Herders Abhandlung "Über den Ursprung der Sprache"*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 16. ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1986.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- HEIDEGGER, Martin. *Einführung in die Metaphysik*. 5. ed. rev. Max Niemeyer: Tübingen, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1967.
- HEIDEGGER, Martin. *Über den Humanismus*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1949.
- HEIDEGGER, Martin. *Explicações da poesia de Hölderlin*. Brasília: Editora da UnB, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 1951.
- HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Hölderlins Hymnen "Germanien" und "Der Rhein"*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1980.
- HERDER, Johann Gottfried. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Lisboa: Antígona, 1987.
- HERDER, Johann Gottfried. *Habhandlung über den Ursprung der Sprache*. München/Wien: Carl Hanser, 1989.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas [edição bilingue]*. Coimbra: Atlântida, 1959.
- MERTON, Thomas. *A via de Chuang Tzu*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Also sprach Zarathustra: Ein Buch für alle und keinen*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1990.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: Terceiras estórias*. 8. ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 1985.